

# A SEMANA

REVISTA CATHOLICA, LITTERARIA E DE INSTRUÇÃO PUBLICA.

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DOS EXMS. E REVMS. SRS. ARCEBISPO DA BAHIA,  
BISPOS DO RIO DE JANEIRO, DE S. PAULO, DE MARIANNA E DO RIO-GRANDE.

DIRECTOR—F. M. RAFOZO D'ALMEIDA.

Vol. II.

Domingo 22 de Fevereiro de 1857.

N. 46.

## PARTE LITTERARIA.

### O ENSINO DA PHILOSOPHIA.

1.

#### Ao Sr. Bispo de S. Paulo.

No programa de nossos estudos religiosos tínhamos marcado o ensino da philosophia, e a necessidade das missões, como dois assumptos, dignos de serem reconsiderados e expostos no seu legitimo ponto de vista.

Mas nós lhe havíamos reservado outro lugar, porque estes dous objectos carecem ser, aquelle reconsiderado nas suas multiplicadas oscilações e transformações, estas em vista de informações e dados estatisticos, que só com o tempo poderíamos obter.

Mas dous artigos que acabamos de ler, e que profundamente nos impressionaram com seu apaixonado modo de ver e apreciar estes objectos, nos determina a desde já nos ocuparmos d'elles, se não para tratar o assumpto na sua parte doutrinal e política, por assim dizer, ao menos para attenuar a impressão, que tenha podido causar a leitura das observações de um correspondente do CORREIO DA TARDE e a opinião de um artigo da redacção do JORNAL DA BAHIA.

Ouçamos o primeiro artigo de libello do correspondente:

« Duvido que o Seminario Episcopal possa produzir seus benefícios e desejo os resultados; sua estréa inspira sérios receios.

« Para que os estabelecimentos d'esta ordem prosperem e cresçam é preciso que á frente d'elles se coloque uma cabeça capaz de dirigir-os, e por certo que não são vulgares os dotes que devem reunir aquelles, que chegam a tão elevada posição. Todo o mundo conhece o carácter teimoso e emperrado do actual Bispo de S. Paulo, que detesta todo e qualquer progresso, condenando a humanidade ao estacionarismo, afflige-se com qualquer passo dado para o futuro; novo Josué da sciencia, manda que a philosophia pare, e não prossiga em seu lidar ufano; e toda e qualquer tentativa feita no sentido de descobrir a verdade é considerado por elle como um orgulho da razão humana, uma revolta contra a Providencia. »

Não acompanharemos o correspondente no estylo improprio de referir-se a um venerável prelado, cuja unica culpa é ser um extremo e legitimo defensor das immunidades da igreja e da dignidade episcopal que a Providencia lhe confiou. Assumptos d'esta natureza podem sempre tratar-se com a devida calma e a convenien-

te urbanidade, ainda mesmo de igual para igual, quanto mais de um anonymo para com um dos principes da igreja, e com um ancião quasi septuagenario.

O sr. D. Antonio Joaquim de Mello, que tem captivos e presos pela veneração e sympathia os corações de todos os seus diocesanos, a fóra um ou outro despeitado, está muito superior a estes insultos jornalisticos: porque os insultos cospe-os o tempo; o o Seminario Episcopal é um padrão de gloria que dirá aos vindouros,—o que desde 1743 não poderam fazer cinco bispos, em tempos prosperos, e com valiosos auxilios fel-o o sr. D. Antonio Joaquim de Mello, sem que o estado concorresse com um só grão de aréa; — fel-o valendo-se das esmolas voluntarias dos seus fieis diocesanos; — fel-o percorrendo estradas inhospitas, e vertendo suores de acerbas fadigas.

O seminario da invocação de Santo Ignacio de Loyola hâde prosperar e brilhar como todas as causas que são abençoadas pela Providencia. Centenares de fieis concorreram para elle com suas devotas esmolas e com suas pias orações. No dia de sua inauguração toda a diocese, já visitada pelo santo prelado, tomou parte n'essa festa, como se estivesse presente, porque o monumento é espiritual e materialmente dos fieis diocesanos.

Agora a questão da doutrina.

Os inimigos do christianismo, querendo destruir a philosophia evangelica, intrincheiraram-se na philosophia capciosa do paradoxo e da materia. Voltaire, que foi o Mahomet d'esta revolução vertiginosa, invectivou a igreja como inimiga jurada da philosophia, e como o carrasco que a buscava asfixiar e estrangular.

Esta antiphona, então erguida, tem sido até hoje continuada no mesmo diapasão pelos improvisados philosophos, que formigam por toda a parte.

O clero como representante da igreja tem sido capitulado e repelido como jurado inimigo das luzes e de todo o genero de progresso: elle é o oppessor dos espíritos, é o conservador systematico da ignorância do povo, a civilisação encontra n'elle um dos mais poderosos embargos. Tem-se escripto este libello em livros, repeite-se milhares de vezes em brochuras e jornais incendiarios, ensina-se nos cursos publicos, em que a religião é demonstrada segundo a geometria humana, diz-se emfim que elle condena a humanidade ao—estacionarismo,— que é o Josué da sciencia.

E' isto uma declamação todos os dias repetida pelos factos; applicada a muitos luminares da igreja; mas a cada hora desmascarada, sempre pulverizada desde os tempos primitivos do christianismo até o pontificado de Pio IX. Lê-a-se a historia ecclesiastica, desde os evangelistas até Fleury, e desde Henrion até Rohrbacher, e ter-se-ha reconhecido que a philosophia está sempre abrigada na igreja, que elle tem sido a irmã gêmea da theo-

logia, e a lente através da qual se observam os arcanos da revelação e a revelação dos misterios.

Nos calamitosos tempos da invasão dos barbaros na Europa foi a igreja, foi o clero regular, que salvaram em suas escolas as lettras, a arte e as sciencias; foi abri que os Voltaires as foram colher com a difference, que a abelha suca uma flor e produz o mel, a aranha mordesse essa mesma flor e produz a peçonha.

O que seria hoje da humanidade, o que seria hoje da civilisação a não ter sido a igreja?

Ha três mil annos que a philosophia racionalista se debate impropositamente, num círculo vicioso de systemas reprobados — multa renascentur quae jam cecidere cedentque.

E o que ainda tem resolvido e decidido os corifeos de escolas tão disparatadas? Concluem por confessar que a dúvida é o resultado de seus esforços; que sem a fé não pode haver repouso possível do espírito, que sem a revelação não pode haver explicação possível aos arcanos da philosophia humana.

O racionalismo é um Mathusalem de tres mil annos, é uma especie de Cagliostro que se tem mostrado sob diferentes formas. Ha quasi um seculo que sob a forma de philosophia regeneradora, elle se apresentou na arena, mas como? Creado de uma dissoluta licença, trespassando a razão humana, buscando destruir com saturninas escandalosas os alicerces da igreja, e, como novo Titã, buscando escalar o céu para blasphemar esse Deus — que não existia —.

O seculo XIX foi instituido legatário d'esta philosophia infame, mas se os seus tutores aceitaram a herança, na sua menor parte, elle hoje não a quer receber: — renega-a.

Uma nova escola de philosophia se reergueu triunfante, repudiando o grosseiro materialismo, o sensuallismo abjecto e a impiedade revoltante. Sua linguagem é religiosa à maneira de Socrates, de Platão e dos philosophos, os mais estimados da antiguidade. Longe de insultar o christianismo ella lhe paga, em nome da humanidade, um tributo de elogio e reconhecimento pelos infinitos benefícios que d'elle tem recebido.

Bouvier é um dos representantes d'esta escola, esta escola é adoptada hoje na generalidade da França e de toda a Europa culta, e a philosophia adoptada por essas intelligencias summas, é sancionada por muitos representantes da igreja, e a philosophia que o sr. bispo de S. Paulo mandou adoptar no seu seminario. Como pois se avanga que o illustre prelado, no seu — emperramento, manda a philosophia que pare, e não prosiga em seu litar ulano? —

Com o illustre diocesano pensamos também que é um orgulho da razão humana pretender explicar-se a razão divina; — não será uma revolta contra a Providencia pretender assumir os seus divinos arcanos? O orgulho de nossos primeiros pais condenou-os; a empreza de Titã, e a ousadia de Promotou foram castigadas, o orgulho do racionalismo está condenado na sua propria impotencia.

Depois de haver demonstrado a sem razão o correspondente em condenar o sr. bispo de S. Paulo, porque era figura inimigo da philosophia, mas que manda ensinar philosophia, é de facil desculpa a exageração do mesmo digno correspondente, estranhando o systema administrativo, e o systema director, que ainda não se sabe qual será, porque o seminario está inaugurado, mas ainda não recebeu uma definitiva organisação.

O correspondente parece reprender o incansavel prelado por haver escolhido para auxiliares da sua igreja a douz sacerdotes capuchinhos, que não obstante os relevantes serviços, que tem prestado no confecionario,

no pulpito e na cadeira, tem sido o theme de rechearas invectivas; e até de indignos insultos.

Que ovens o seguinte:

« E o que ensinam esses — senhores? — Que o immortal fundador do imperio, de tão respeitável memória, que o venerando Diogo Antônio Feijó foram no Brasil os representantes da philosophia materialista do seculo XVIII; que a leitura de — Cousin — é perigosa, que — Kant — é impi, que os sacerdotes são ungidos de Deus; que a escravidão é de direito divino; que os reis são representantes de Deus na terra, que finalmente só deve ser lido Bouvier, porque só sua philosophia é santa e pura! Bouvier que prega como um energumeno todos esses revoltantes paradoxos! »

« Tal foi o assumpto desenvolvido por um — barbadinho de nome fr. Eugenio no discurso de abertura do mesmo seminario! Panegirista da influencia — fradesca — e clerical. Fr. Eugenio começou por estigmatizar o rei da Sardenha pelas porfias e esforços que tem empregado para matar essa influencia tão daniosa, e acabar com os mosteiros e confrarias; e depois de ter consagrado um longo capitulo de seu discurso a este assumpto, a que não poupa anathemas nem maldições, acomettendo os tumulos e foi perturbar o silencio da morada dos mortos. Não contente de imprecar os vivos quebrar a lige do sepulchro para cuspir na face dos mortos; e d'entre os cadáveres que levantara da campa faz surgir o Senhor D. Pedro I e o regente Feijó! para accusa-los de materialistas! etc., etc. »

Todo o leitor imparcial reconhecerá o que há de animosidade e de despeito n'este modo de expôr a questão.

Compartilhamos a opinião de que o pulpito goza por excellencia da liberdade de doutrina. Ao respectivo bispo é que cuimpre vigiar sobre essa doutrina, porque a igreja tem o poder ensinante, e os bispos são os genuinos depositários e administradores d'esse poder. O sermão não é o discurso de comício que possa responder-se por tribuno, nem artigo de jornal que possa pulverizar-se com outro artigo mais ou menos violento: é a semente lançada à terra, e conforme a natureza d'esta assim aparecerá o trigo ou o joio.

Mas já que se estranhou a allusão a factos, recensideremos esses mesmos factos.

A influencia clerical, a influencia fradesca são duas phrases bombásticas, ditas, e repetidas ha um seculo; e até hoje ainda nenhum dos declamadores se resolveu a explicar o que n'ellas havia de positivo. Cremos ate que o digno correspondente, a quem nos referimos, se havia de achar embarracado, se fosse obrigado a explicá-las.

Pois este deprecado e monoscabido clero do Brasil tem ou teve nunca uma influencia legitima? Pois os corridos e condemnados frades aspiram ao menos a ser ouvidos e a requerer por sua justica? Affirmar a sua influencia seria um absurdo; seria, na eloquente phrase do sr. arcebispo D. Romualdo, uma injustica, para não dizer escarneio indigno da gravidade de uma pessoa de senso.

O correspondente parece querer defender o rei da Sardenha, alludido pelo devotado pregador; e como não? Não se tem manifestado esse rei europeu contra os direitos da igreja, e não tem elle a mão levantada para exterminar as ordens religiosas?

E não é este também o espirito que reina entre nós?

Agora duas palavras sobre douz vultos históricos, mencionados pelo pregador, e cuja menção provocou a susceptibilidade do correspondente.

O Senhor D. Pedro I era um principe eminentemente religioso, porém é fóra de duvida que muitos actos do seu reinado resentem-se d'essa indifferença entre o temporal do estado e o espiritual da igreja.

O sr. Antonio Diogo Feijó achâmol-o desenhado na historia como uma influencia politica perigosissima e sobre maneira fatal á igreja. Os seus actos parlamentares e officiaes encerram o cunho da postergação dos direitos da igreja: um scisma de terríveis consequencias foi por elle conjurado; e a não ser a poderosa e assustadora voz do sr. arcebispo da Bahia, o que seria hoje a igreja brasileira? Talvez que a terra em que ha trezentos e cincuenta e seis annos se plantou o standarte da Cruz, não fosse hoje mais do que o theatre onde se representasse a tragedia sangrenta de um scisma, ou o drama vertiginoso de uma seita monstruosa!

Como politico e patriota, o sr. Diogo Antonio Feijó terá sempre um logar distinto nas paginas da historia; mas na historia das tribulações da igreja os fieis catholicos hão de ler o seu nome com pesarosa recordação; e duvidarão reconhecer o tão puro e tão virtuoso, como lhe chama o correspondente.

Tomar os factos debaixo do ponto desto vista, não é irrogar uma offensa aos brios nacionaes, é folhear a historia, que é do domínio de todas as intelligencias e de todas as opiniões.

O correspondente conclue pela fórmula seguinte:

« Eis-ahi como estrearam os dignos e sapientes mestres do seminario episcopal. O governo que attenda para essas cousas. Bem sei que o sr. bispo, invertendo o nosso direito publico ecclesiastico, sustenta — totis viribus, — que o governo civil nada tem com o seu seminario, que é — propriedade sua, — e que foi edificado com o suor de seu rosto, e com as pingues esmolas que coillau em suas visitas. E' obra de misericordia abrir os olhos á luz da verdade áquelles que permanecem em erro; o governo n'este caso fará um acto de misericordia chamando o prelado á linha de seus deveres, e mostrando-lhe que o ensino ecclesiastico não está isento da inspecção do governo civil. »

E' para nós matéria estudada, e confrontada a doutrina que o correspondente põe na boca do sr. bispo de S. Paulo. O governo de certo não tomará o conselho que gratuitamente se lhe dá; mas quando elle julgue ter o direito de inspecção, ou qualquer outra ingerencia no regimen e direccão do estabelecimento, o digno bispo saberá expôr o direito que lhe assiste, e que é comensinho, mesmo para qualquer curioso do direito canonico e do direito ecclesiastico; — e a justica triumphará.

Escrevendo este artigo, e dedicando-o ao veneravel Prelado, a quem nos prendem vinculos de parentesco e de respeitosa amisade, tivemos em vista não só o cumprimento de um dever, que nos impuzemos, tomando a redacção da parte litteraria e religiosa d'esta folha, como pagar um tenue tributo de applauso e consideração aos valiosos serviços do respeitavel apostolo, que tem sido tão mal avaliados e tão mal comprehendidos!

Oxalá que o seminario de Santo Ignacio de Loyola seja um arco de aliança entre o clero paulistano e o seu prelado; e que este corpo respeitavel se consagre ao unico pensamento de felicitar aquella diocese, defendendo a causa *communum* da igreja.

Empregámos todo o cuidado possível para que, n'esta polemica, em que nos empenhâmos, não saísse uma só phrase que podesse escandalizar a susceptibilidade pessoal do digno escriptor a quem respondemos. Se infelizmente, porém, elle encherá em alguma de nossas palavras o mais leve espirito de aggressão, pedimos-lhe o desculpe e perdôe, porque a nossa intenção, o nosso systhema de escrever é sim tomar um vivo empenho na discussão do assumpto, mas respeitar em tudo e por tudo a pessoa do nosso contendor.

*F. M. Rapozo d'Almeida.*

### DA TOLERANCIA.

TOLERANCIA é uma palavra demasiadamente vaga. Para lhe fixar o sentido, é necessário recorrer-se à divisão, e definir cada uma das especies que elle comprehende. Não é porém meu intento discorrer largamente sobre todas elles, mas indica-las apenas, e demorar-me sómente sobre a de que, nas actuaes circumstancias, me parece mais conveniente tratar-se.

Estas especies que, seguido uns, são tres; são, segundo outros, quatro; e eu adoptarei o ultimo arbitrio, como mais apropriado á clareza, que em tais objectos nunca é excessiva.

Dividirei pois a tolerancia em civil, philosophica, theologica e christã. A primeira, consiste em se permitir n'un estado o exercicio de diversas religiões, não como igualmente agradáveis á divindade, mas pela vantagem de reunir debaixo de um só regimen, sem os incomodar, os sectarios de quaisquer crenças: a segunda, em se considerarem todas as religiões como iguais, ou como indiferentes: a terceira na profissão que faz uma seita, de crer que os membros de outra seita se podem salvar, sem renunciar á sua crença: quarta, na fraternidade geral do genero humano.

A primeira, cuja moralidade e utilidade se reputaram por muito tempo uma questão difícil de decidir, achase entre nós regulada pela lei fundamental da monarquia. A segunda, é um miseravel invento de falsa philosophia, e merece menos a discussão que o desprezo: ella é a unica, que pôde agradar aos incredulos; mas, apesar d'isso, elles nem todos estão de acordo a seu respeito. A terceira, tem sido assumpto de grande variedade entre as communhões protestantes, estendendo-a e restrigindo-a sem motivo e sem fundamento: umas, assentando que não pôde haver salvacão senão na sua, e negando-a a todas as outras, e até á religião catholica; outras, concedendo-a sómente a algumas; e algumas a todas com tal liberalidade, que se fossem exactos seus principios, nem os pagãos nem os ateos deixariam de salvar-se, como profundos theologos tem demonstrado. A verdade porém é que, nos tempos primitivos, a unica religião, verdadeira e salutar, era a que Deos havia revelado aos patriachas; que depois da missão de Moysés era a judaica; e que depois da redempção a religião catholica é só aquella, em que ha salvacão, e que a sorte de quem se recusar a crer o que a igreja ensina será a condenação eterna. Pregai o evangelho, disse Jesus Christo, a toda a creatura. O que crer, e fôr baptizado, será salvo; o que não crer, será condenado. (1)

A quarta especie de tolerancia, aquella que se reduz á caridade fraternal, que deve reinar entre todos os homens, de qualquer nação e religião, que sejam, é a que constitue a materia do presente discurso. Ella é o proprio espirito do christianismo. Nenhuma outra religião positiva e tão absolutamente a prescreve e a recomenda.

Quando se trata de ser indulgente, de evitar tudo o que pôde perturbar a harmonia social, de corresponder ao mal com o bem, ás injurias com os benefícios, o christianismo não distingue o europeu do africano, o mahometano do judeu, o adorador dos reptis do adorador dos astros. Contempla todos os homens, como filhos do mesmo pai celeste, e como feitos á imagem e semelhança de Deos. Não transige com a mentira, é inflexivel, inexorável com os erros: mas para com as pessoas é a mais tolerante de todas as religiões.

Tem-se perseguido, tem-se vertido sangue em seu nome: porém, nem isso era conforme á sua indole,

essencialmente pacifica; nem teve logar por culpa sua, mas por culpa dos homens, a que temerariamente a invocavam, para fazerem o contrario do que ella lhes ordenava.

E quem ha que em boa fé chame por isso a verdadeira religião intolerante, ignorando que nada tem havido, de que se não tenha abusado no mundo, e esquecendo-se do que se tem feito em nome das outras religiões? Anteriormente ao estabelecimento do christianismo, os gregos, tão humanos, e tão ciosos da sua liberdade, não só perseguiam, mas condemnavam á morte por motivos religiosos. Outro tanto praticavam os romanos, e outros povos da antiguidade. Zoroastres fez correr rios de sangue na Persia e na India, não fallando senão em religião; e Cambyses no Egypto. E que aconteceu depois do estabelecimento da religião de Jesus Christo? Levantaram-se contra ella as maiores perseguições, que duraram trescentos annos, e devoraram tudo o que havia de mais virtuoso, e de mais heroico sobre a terra. Não houve tormento, até então desconhecido, que se não inventasse; crueldade, que se não cometesse; horrores, que multidões freneticas não applaudissem; hoje mesmo ainda o sangue dos martyres se verte n'esses remotos paizes, onde se vão encontrar as sevicias e a morte em recompensa dos maiores benefícios, que homens podem fazer aos homens!

O Christianismo foi, desde o seu principio, uma religião perseguida e não perseguidora, uma religião de amor, de doutra, e de paz. O seu divino autor, longe de mandar a seus discípulos, que fizessem violências, mandou que as soffressem; e elles cumpriram pontualmente este mandato. Os meios, de que se serviam, eram os da persuasão, nunca os da força. Da sua boca não sahia uma expressão hostil. Traziam sempre a caridade no coração e nos labios. E é notavel o empenho, com que um d'elles exhortava repetidamente os fieis a conservarem a paz com todos os homens. (1)

O Christianismo é a religião da caridade; e a caridade é paciente, é benigna, não se entumece, não se irrita, tudo espera, sofre, tolera tudo. (2)

Os homens são todos irmãos, e devem amar-se; fracos e dependentes, devem ajudar-se; cheios de imperfeições, devem supportar-se.

Entretanto o mundo moral ainda é mais variado, que o mundo physico: e os homens ainda differem mais nas qualidades do espirito, que nas feições do semblante. Seus pensamentos, suas propensões, seus gostos contrariam-se; seus interesses chocam-se: e d'ahi vem dificuldades, que nem sempre se vencem, sem que luctemos com o nosso amor proprio, que é mui poderoso em quanto não aprendemos a combate-lo; e em quanto não adquirimos o habito de resistir ás paixões.

A vida humana é uma laboriosa peregrinação, em que a necessidade dos combates e dos sacrificios é mui frequente: e para que uns e outros nos custem menos, convém que nos costuemos a elles; que a força do habito e a da resignação os facilite. E' um grande mal, dizia Anacharsis, não saber soffrer algum mal; é necessário soffrer para menos soffrer.

Não ha homem nenhum perfeito, nem inteiramente semelhante a outro homem. Se nós formos insosfridos com os outros, por causa das suas dissimilhanças, ou das suas imperfeições; por igual motivo elles serão insosfridos connosco, e ficaremos n'uma hostilidade reciproca; estado muito mais violento que os dos incomodos e sacrificios, que pôde custar-nos uma mutua tolerancia.

Nós não temos direito a exigir conformidade connosco, nem isenção de imperfeições em alguém; devemos con-

tentar-nos com os homens taes quaes elles são, se não queremos fugir da sociedade, e condennar-nos a viver nos desertos: e para minorarmos a estranheza, que seus defeitos nos possam causar, temos um meio muito a propósito, e é o de nos lembrarmos dos nossos, que são talvez maiores que os d'elles.

Não ha, porém, pequena dificuldade no conhecimento dos proprios defeitos. Este conhecimento é raro, e a sua exactidão rarissima. Os justos, quanto mais elevado é o grao de virtude em que se acham, mais severos são para si, e menos severos são para os outros: os viciosos são o contrario; e o numero d'aquelle é mui pequeno, o d'este infinito.

Mas seja qual for o juizo que formemos de nós e dos com que vivemos, ou com quem encontrarmos, nunca um tratamento intolerante e desabrido pôde ter lugar. Se os reputamos bons, por que não lhe faremos justiça? se maus, por que não usaremos de indulgência para com elles?

Assim como o rigor, provoca o rigor, a indulgência atrahe a indulgência: da qual se nós precisamos, o concedermos a nossa é uma util especulação; se não precisamos, a concessão da nossa, sem esperança de retribuição, é, além de um cumprimento de um dever, um acto de generosidade, que denota sempre nobreza de carácter em quem o pratica.

A razão não é igual em todos os homens. O que para estes é evidente, é para aquelles incomprehensivel: o que parece bem a uns, parece a outros mal: podendo por isso dizer-se, que a indulgência não é só necessaria para os vicios e para os defeitos; pois muitas cousas taes se reputam, sem effectivamente o serem.

E quando a nossa razão discorda da dos outros, quem deverá decidir qual d'ellas acerta? Nós ordinariamente arrogamo-nos, e elles arrogam-se o direito da decisão: e este direito nem compete a elles, nem a nós, por que ninguem pôde ser juiz em causa propria. Igualmente nem a nós, nem a elles compete o de compellir a que a sua, ou a nossa decisão prevaleça. Se nós tivessemos jus a obrigar os outros a que estivessem pelo que nós decidissemos, elles o teriam para nos obrigarem a estarmos pelo que elles decidissem; o que produziria o mais estranho dos conflictos.

Cada individuo, da mesma sorte que tem a sua razão, pôde ter a sua opinião; e em tudo aquillo que não é de fé nada deve haver mais livre: mas esta liberdade, que todos querem para si, poucos a querem para os outros; e não pôde haver causa, que abone ou justifique desigualdade tão absurda.

Exigir dos outros que tenham as nossas opiniões, tanto importa exigir que tenham a mesma intelligencia, os mesmos sentimentos, o mesmo carácter, o mesmo humor; é a mais estranha das pretenções, o mais revoltante dos despotismos. A elle se deve grande parte das inconstâncias da amizade, das discordias das familias, do egoísmo, que nos gela os corações, dos embargos, que se oppõem aos progressos da civilisação, e ao cumprimento dos deveres da humanidade.

De todos os laços terrestres, os que unem o esposo á esposa, os pais aos filhos, os irmãos aos irmãos são os mais respeitaveis, e os mais fortes. Desgracado d'aquelle cujo coração não palpita ao ouvir pronunciar algum d'estes nomes. De todas as terrestres consolações nenhuma penetra mais o coração, suavisa mais os incomodos da vida, que a alegria domestica: nada ha tão puro e tão vivo, como os prazeres que nossas almas gozam no sanctuário da intimidade. Por que se expõe o navegante ás tempestades do mar, ás fadigas e aos perigos de uma longa viagem, senão para adquirir novas riquezas, e as vir derramar no seio da sua familia? Onde nos repousainos nós mais docemente de nossos penosos trabalhos, senão no meio d'aquelle, que mais que todos nos pertenceem e

(1) Paul, ad Rom. 12., 18., ad Hebre. 12., 14.

(2) Paul. ad Cor 13..

nos amam? Que seio iguala o de uma esposa, para n'elle depositarmos, com confiança, nossos tristes recuos, nossos amargos desgostos? Que mão enxugará, mais afectuosamente que a sua, as lagrimas nos nossos olhos; e mais piedosamente na nossa testa o frio suor da morte?

Mas essa esposa, por mais virtuosa e extremosa que seja, hâde ter imperfeições, e não hâde pensar e sentir em tudo como nós, nem nós como ella; mas essa familia, ainda que se componha de irmãos os mais unidos, de filhos os mais afectuosos, hâde ter defeitos, diversos genios, inclinações, gostos diversos: e que é aquillo que lança sein se perecer, um véo sobre tæs imperfeições; que nos torna quasi imperceptiveis aquelles defeitos, que remedeia a diferença dos gostos, a disparidade dos genios, senão a tolerancia?

Não havendo tolerancia, não ha laços que se não rompan, amizade que se não quebre, harmonia que não se perturbe. Tirai esta engenhosa e prudente medianeira, e a divisão nascerá entre aquelles que em maior unão estão vivendo. Tirai esta temperatura benefica, este orvalho matutino á estação das flores, e veréis como elles murcham.

A arte de viver com os outros deve ser um dos nossos principaes estados: mas em que é que esta arte consiste? Vulgarmente se pensa, que ella se reduz a certo ar de decencia, a certas maneiras, a certos usos recebidos, a certa graca exterior, a certas frases banaes: quando o verdadeiro saber viver é objecto de uma ordem muito mais elevada, e depende da opportuna repressão da vontade; da moderação dos nossos desejos; de um fundo de probidade, manifestando-se em todos os nossos passos; união da modestia com a discreteção, respirando em todos os nossos discursos; da abstenção d'esse espirito de contradicção e de disputa, que costuma introduzir a irritação e o desgosto nas conversações; de uma condescendencia, que se não aproxime da fraqueza nem da lisonja; de um querer os defeitos proprios, e parecer desconhecer os alheios; de um não se deixar levar das primeiras impressões; quantas vezes se nos figura que um amigo nos trata com frieza, que um parente nos illude, que um estranho nos atraicôa, que um grande nos despreza, que um creado nos róuba, sem nada d'isto assim ser? Mas o que sobre tudo considerar, como elemento importantissimo na sciencia de bem viver, é uma caridade tolerante presidindo a todas as nossas ações, e ações, e a todas as nossas palavras. Esta exælsa virtude é o sol, que eria e amadurece todos os fructos, de que se sustenta a tranquilidade domestica, e a harmonia da sociedade.

Mostrar o riso nos labios, conservando o rancor no coração: occultar debaixo de exterioridades officiosas um interior inoficioso ou adverso; é um recurso da civilidade, não tal como a propriedade do termo a inculca, mas capciosa, infiel, enganadora, que quando menos se pensa, miseravelmente se contradiz, e a si mesma se desmente: que cousa porém ha mais vulgar, que esta falsa civilidade; e que cousa mais rara, que aquella virtude, em épocas como a em que vivemos, assigualadas pela incessante luta dos partidos e das facções?

Felizes tempos, em que a virtude e a religião, social inseparaveis, ornavam quasi todos os peitos, dominavam quasi todos os pensamentos, escudavam a justiça, protegiam a liberdade; desapparecistes vós para sempre, ou tornareis ainda a aparecer? Ah! vinde; não para destruir aquillo, que nenhuma culpa tem nos delirios dos homens, mas para lhe dar maior firmeza; não para aniquilar garantias, mas para as tornar realidades; não para imitar a intolerancia dos partidos, mas para reunir todos os homens debaixo de uma só bandeira.

Que nação pôde prosperar, retalhada pelos partidos, lacerada pelas facções? Todo o reino em si dividido

será desolado; e ver-se-ha cahir casa sobre casa, diz a Escriptura, (1) cujos oraculos são infalliveis.

Os homens, lançados no campo das facções, ou colocados na esfera agitada dos partidos, estão em continua guerra; e o estado de guerra é um estado de perseguição, de morte, e de extermínio. Como se fossem infalliveis, para elles todos os, que pensam differentemente, erram: e como se o erro fosse o maior dos crimes, todos os, que n'elle se dizem cahir, merecem as maiores penas. Contra as regras da justiça universal, elles são accusadores, juizes, e executores. De suas sentenças não ha recurso: e os caracteres, com que as escrevem, são caracteres de sangue.

Como a de Mahomed, crê ou morre, é a religião das facções, e dos partidos exaltados. Se a voz da verdadeira religião brada contra isto, insulta-se o seu brado: se a liberdade, a quem affectam tributar um devoto culto, faz ouvir a sua, por entre os alaridos da ferocidade, cospe-se-lhe no rosto, e crava-se-lhe o punhal no coração. Presumícosos e ignorantes architectos, elles se propõem levantar soberbos muros, edificar formosas cidades: mas, não fazem senão demolir, pois o seu genio é o genio da destruição.

Deixemos pois a exaltação que nos cega, essas paixões que nos extraviam, essas divisões que nos enfraquecem, nos flagelam, e nos arruinam; essa barbara intolerancia que tem transtornado as idéas do justo e do injusto, da virtude e do crime, reduzido á miseria centenares de famílias, accendido a tocha do incendiario, afiado o punhal do assassino e que hâde acabar de perder-nos, se cedo nos não desenganarmos, e se completamente nos não emendarmos.

Que importam opiniões, para que os homens deixem de se amar, e para que procurem atormentar-se, e dilacerar-se? E quem sabe qual é a verdadeira opinião de cada um, quando factos os mais incontestaveis a não revelam? Só Deus é quem as conhece todas, pois só elle tem o direito e o poder de eserutar os corações.

Dir-se-ha, talvez, que nem todas as perseguições, tem tido as opiniões por causa; mas outras perseguições de que foram victimas os que depois se declararam perseguidores.

N'este caso temos a pena de talião, e ainda exacerbada, imposta arbitrariamente pelos offendidos, sem audiencia e sem defesa dos reaes ou supostos offendores: ou antes temos o recurso das feras nos bosques, temos a vingança.

Mas a vingança é prohibida pela religião, é uma necessidade brutal. Se ella se exerce na effervescencia da colera, diz um moralista alemão, é um frenesi que faz do homem um animal feroz: se se exerce premeditadamente, e de sangue frio, é obra de um demônio.

O homem de bem, o verdadeiro christão não se vinga, não oppõe offensa a offensa, iniquidade a iniquidade; e se se lembra de haver tido perseguidores, é só para usar com elles de generosidade, e para os encher de benefícios. — BASTOS, Discurso XIII.

### INSTRUÇÃO ECCLESIASTICA.

Do CONINBRICENSE, jornal que se publica em Coimbra, transcrevemos o plano dos estudos do seminario episcopal d'aquelle cidade, que foi executado no anno findo de 1856.

Quem olhar para o numero de cadeiras, de que elle se compõe, para as matérias que n'elas se ensinam, e

para os nomes de professores que as regem, poderá sem receio concluir que é este indubitavelmente o primeiro estabelecimento d'este genero em Portugal.

Isto pelo lado scientifico.

O regimen e disciplina interna do seminario, tambem nada deixam a desejar, graças aos esforços do seu infatigavel e mui digno reitor.

Para coadjuval-o em tão importante como espinhosa tarefa, não se tem o exm. sr. arcebispo bispo com le poupadão a despezas nem sacrificios, chamando para aquella casa respeitaveis ecclesiasticos, que com suas instruções e exemplos formem o coração dos jovens alumnos, e lancem n'ellas as sementes preciosas de virtudes, que devem um dia produzir bons e sasonados fructos.

Felicitamos o bispado de Coimbra por ter um prelado que assim cura da educação do clero. Preparando um viveiro de sacerdotes, verdadeiramente instruidos e exemplares, presta s. ex. um serviço relevantissimo à sua diocese e à nação; porque ninguem ha que ignore quanto a ilustração e bons costumes do clero, podem influir na instrução e boa morigeração dos povos,

Continue o digno prelado no seu nobre empenho, e terá os louvores da geração presente e a benção das futuras.

#### ESTUDOS PREPARATORIOS.

1.<sup>a</sup> Cadeira. INSTRUÇÃO PRIMARIA. Professor, Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro. Princípios de arithmetica; prosodia, orthographia, e grammatica portugueza; geographia, e chorographia; estatística ecclesiastica, militar, judicial, e administrativa; historia moderna de Portugal.

2.<sup>a</sup> Cadeira. LÍNGUA LATINA. O mesmo professor. Grammatica portugueza e latina; syntaxe da construção simples e figurada; tradução de Sulpicio, Cornelio, Eutropio, Cesar, e Cicero.

3.<sup>a</sup> Cadeira. LATINIDADE. Professor, Manoel Sinoes Dias Cardozo. Syntaxe de composição, latinidade e metrificação; tradução de Virgilio, e Tito Livio.

4.<sup>a</sup> Cadeira. LÍNGUA FRANCEZA. Professor, Francisco Antonio Diniz, dr. em direito. Grammatica franceza; syntaxe da regencia, e composição; tradução de prosa e verso.

5.<sup>a</sup> Cadeira. LÍNGUA INGLEZA. O mesmo professor, Grammatica ingleza, syntaxe de regencia e composição; tradução de prosa e verso.

6.<sup>a</sup> Cadeira. GEOMETRIA. Professor, José Joaquim Manso Preto, dr. em mathematica, arithmetica e algebra; trigonometria plana, e elementos de geometria.

7.<sup>a</sup> Cadeira. INTRODUÇÃO AOS TRES REINOS DA NATUREZA. Professor, Jacinto Antonio de Souza, bacharel em philosophia. Princípios de physica e chimica; e de zoologia botanica e mineralogia.

8.<sup>a</sup> Cadeira. GEOGRAPHIA E HISTÓRIA. Professor, João Antonio de Souza Doria, dr. em medicina. Geographia mathematica, physica e politica, chronologia; historia universal, antiga, da idade media, e moderna.

9.<sup>a</sup> Cadeira. RETHORICA. Professor, Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. Eloquencia civil: oratoria sagrada; poetica e literatura classica; analyse de rhetorica.

10.<sup>a</sup> Cadeira. LOGICA. Professor, Luiz Adelino da Rocha Dantas, dr. em direito. Philosophia racional; philosophia moral; analyse logica.

11.<sup>a</sup> Cadeira. MUSICA. Professor, Antonio Florencio Sarmento. Musica de canto, e toque; regras de harmonia e contraponto.

12.<sup>a</sup> Cadeira. CANTOCHÃO. Professor, Antonio Lopes Saraiva. Cantochão simples e figurado.

#### ESTUDOS THEOLOGICOS.

1.<sup>a</sup> Cadeira. HISTÓRIA ECCLÉSIASTICA. Professor, João

Chrisostomo d'Amorim Pessoa, dr. em theologia. Historia da igreja do antigo testamento; historia da igreja do novo testamento.

2.<sup>a</sup> Cadeira. THEOLOGIA DOGMATICA. Professor, Antonio Bernardino de Menezes, dr. em theologia. Theologia dogmatica geral; theologia dogmatica especial, ou theologia symbolica.

3.<sup>a</sup> Cadeira. INSTITUIÇÕES CANONICAS. Professor, João Alves de Moura, bacharel em canones. Direito canonico interno; direito canonico externo; direito canonico particular com relação a Portugal.

4.<sup>a</sup> Cadeira. THEOLOGIA LITURGICA. Professor, Joaquim Alves Pereira, bacharel em theologia. Theologia sacramental; liturgia.

5.<sup>a</sup> Cadeira. THEOLOGIA MORAL. Professor, José Maria de Lima e Lemos, dr. em canones. Theologia theotica e practica, ou casuistica.

Substituto a todas estas cadeiras de theologia, Francisco dos Santos Donato, dr. em theologia.

De ha tempos a esta parte a educação e instrução do clero portuguez tem sido devidamente promovida e auxiliada pelo governo.

Oxalá que estes exemplos fizessem sentir ao nosso governo que é por via de bem organizados, bem dotados, bem montados e bem dirigidos seminarios que se hade obter a reforma ou regeneração do nosso clero; e não com as invectivas e insultos officiaes, proclamados em cada um anno perante o paiz.

O nosso governo nada tem feito n'este sentido, antes ao contrario não tem comprehendido o alcance d'esta medida, a unica regeneradora do clero.

#### A QUESTÃO CANONICA.

##### II.

A imprensa diaria, e com ella a curiosidade publica, tem manifestado um notável empenho sobre a questão Kerth; mas infelizmente apenas o libello é que tem sido tomado em consideração. No DIARIO DO RIO DE JANEIRO do dia 13 appareceu um artigo de contrariedade, mas, ainda mal, passou quasi desapercebido.

A imprensa, que tem tractado esta questão sem aduzir ou sem estudar o direito da igreja e as suas relações com o estado civil, tem contralido uma grave responsabilidade moral, porque tem chamado a animadversão sobre o ministerio da religião catholica, que, como todos sabem, e embora alguns desconheçam, é a religião do estado.

Para o mencionado artigo remetemos as pessoas que pertenderem examinar a questão pelo lado theotico e canonico, sob o ponto de vista dos estranhos à igreja, nas presentes reflexões vamos tão sómente protestar contra algumas proposições que se contêm no artigo editorial do JORNAL DO COMMERÇIO do dia 12, e tanto mais urge fazê-lo pelo orgão de um terceiro, quanto não o tem podido fazer o venerável bispo, que sabemos estar gravemente enfermo.

Diz o articulista que, na hypothese Kerth, houve um ataque ao casamento dos protestantes feito pela autoridade ecclesiastica.

Onde e como, canonica ou civilmente fallando, houve no caso vertente um ataque ao casamento dos protestantes? O facto em questão é simples e intuitivo. Margarida Kerth chegou ao atrio da igreja catholica, e (com boa ou má consciencia, o que só Deus pôde julgar) pediu ser admitida à communhão dos seus fieis. A igreja, que sempre tem os braços abertos para receber os transeuntes, e que é mesmo d'a sua constituição e do exemplo do seu divino fundador, atrahir almas que se querem remir da

infidelidade ou heresia, recebeu jubilosa a Margarida Kerth; e pelo facto da sua conversão, e em vista do direito e da legislação da igreja, a convertida ficou desligada de um contrato conjugal que contrahira clandestinamente na heresia, e que seria absurdo ser considerado válido por quem só reconhece válido o casamento no matrimónio-sacramento, e não no casamento civil, propriamente dito.

Se Kerth e Schopp seu marido no protestantismo quisessem continuar a viver como marido e mulher, a igreja católica toleraria essa união; mas a convivência tinha-se tornado moral e legalmente impossível, porque a convertida e o dissidente achavam-se civilmente desligados, e com bens separados, desde 16 de maio do 1855.

Civilmente por este acto, e canonicamente pelo facto da clandestinidade do primeiro casamento, Margarida Kerth pretendeu casar com um católico; a autoridade eclesiástica não reconheceu n'esta pretensão impedimento algum canonico, porque o primeiro casamento era nullo, e portanto os ligou no matrimónio sacramento. E' esta a doutrina corrente, é este o direito recebido.

Que culpa, que ataque commeteu n'isto a autoridade eclesiástica? Moralisasse-se intuito embora o procedimento pessoal, conveniente ou inconveniente de Margarida Kerth, mas nunca o da autoridade eclesiástica, cujo dever, como já dissemos, é receber e atrair as almas ao gremio da igreja universal.

O que não se diria do sacerdote católico, contra o qual há tanta animadversão, se um infiel ou herético lhe fosse supplicar ser admittido a comunhão da igreja, e se esse sacerdote, em vez de deixar cem ovelhas no aprisco para ir buscar uma que andava trasmalhada do rebanho, o que não se diria, se elle repelisse o tocado da graça, e começasse a duvidar da sua intenção, e a repelisse com dificuldades.

Parece que as folhas que se tem manifestado em aberto oposição à autoridade eclesiástica, pretendiam que essa fosse denunciar Margarida Kerth à sua família, ao seu consul, ou em summa aos interessados na manutenção e progresso do protestantismo!... Como seria edificante para os católicos e para os dissidentes, ver o sabio e venerável bispo do Rio de Janeiro transformado, de apostolo de Jesus Christo, em protector das seitas dissidentes, e em denunciante de uma alma que se queria converter à fé, à graça e à doutrina da igreja católica!...

Pois é isto o que em rigorosa lógica se deprehende das premissas que se achão estabelecidas nos artigos de oposição a que nos estamos referindo.

Ou a igreja é ou não uma sociedade perfeita, infallível e perpetua. Se o é, como devemos não só crer como católicos, mas aceitar pelo facto constitucional de ser a religião do estado, então deveremos aceitar e resenhacer o direito e a legislação d'essa igreja: o direito e legislação d'essa igreja é terminante nas suas disposições a este respeito; e pois, nenhum poder civil o pôde modificar, a não ser pelos—devidos o imprescriptíveis trâmites de uma concessão pontifícia—nos casos em que o possa permitir o oráculo da igreja.

Talvez que esta jurisprudencia escandalise o tal espírito de tolerância que tanto se alardeia; mas é doutrina recebida e preponderante que o estado pôde, sim, regular os direitos civis, provenientes do acto matrimonial, mas a igreja é a quem compete regular a validade do matrimónio.

As outras espécies e considerações em que se esplanou o JORNAL DO COMMERÇIO, cahem em vista do direito estabelecido pela igreja e aceito pelo estado. Para tratar a principal das espécies apontadas, o casamento civil, como o concebeu o actual ministro da justiça, levar-nos-ria um tal empenho a largos desenvolvimentos, impro-

prios d'este lugar e d'esta occasião. De certo, que nem o projecto a que se allude, nem as theorias do artigo a que nós estamos referindo, hão de vir a triunfar n'um paiz de habitos católicos, e recomendável por seu espírito essencialmente católico, não obstante o carácter do indifferentismo de que se tem resentido nestes últimos annos; e pois descansamos a este respeito.

Se o legislador aceitar o — matrimónio sacramento — na raia da igreja, e regular os direitos de propriedade e de família, que provém do acto religioso, bem vai; se regular as relações de propriedade e da família das famílias acatólicas, também irá conforme; mas se invadir os direitos e as atribuições da igreja, então por certo hâ de commetter erros imprudentes.

Dê-se a Deus o que é de Deus, e retenha Cesar o que é de Cesar, é uma maxima evangélica que nunca se deve esquecer em tal conjuntura.

Em conclusão. Não havendo matrimónio valido entre Kerth e Schopp, a autoridade eclesiástica procedeu conforme aos canones e aos princípios theológicos. Eis-aqui o ponto culminante da questão, eis-aqui o ponto de partida para a discussão jurídico-canononica, guardando-se as devidas conveniências da igreja, a cuja sombra repousa o estado.

Se em presença da hypothese Kerth, a imprensa, e com ella o público, compartilha a necessidade de uma lei civil, que regule os matrimónios heréticos ou mixtos, nós também sentimos essa necessidade.

Mas como?

Guardando-se as devidas conveniências de um estado que é sim tolerante, mas principalmente católico.

Mas por quem?

Indubitablemente por quem tem o poder de dispensar nos canones.

### Ainda a questão-Kerth.

Depois de escriptas as considerações que acabão de ler-se, veio-nos às mãos dous documentos, que, com quanto não seja necessaria a sua menção ao nosso ponto de vista canonico, contudo nos vamos referir ao seu contexto, para atenuar a impressão sentimental e a apreensão que pôde fazer receber a reprodução de factos que tenham a turbar a paz doméstica das famílias acatólicas.

A muitos terá parecido que Margarida Kerth é uma d'estas organizações romancescas que, em virtude de uma desvairada paixão, abandona o thoro nupcial, deserta do lar doméstico, e vai abusar da religião católica para se entregar ao gozo imperturbável de uma união reprovada.

O nosso plano, traçando estas considerações, era considerar a these em si, e nunca descer à hypothese: mas urge que entremos em mais circunstanciadas explicações.

Margarida Kerth está no Brasil desde a idade de 6 ou 8 annos; foi educada em collegios católicos, e todos os actos e práticas da sua vida religiosa eram segundo o rito católico, ouvindo a missa romana, e mandando no setimo dia da morte de sua mãe celebrar o augusto sacrifício pelo repouso eterno de sua alma.

Margarida Kerth foi violentada no seu casamento com Schopp, casamento que é reconhecidamente clandestino, e portanto nullo; e quasi sempre não viam bem, à ponto de por mais de uma vez ver-se supposta esposa obrigada a refugiar-se em casa a seus pais ou de um seu irmão.

N'uma d'essas separações Schopp escreveu à sua mulher reconhecendo as sem razões de a molestar, reconhecendo que ella era virtuosa e honesta, e pedindo-lhe tornarem-se a reunir.

Margarida Kerth reunio-se com efeito a Schopp, mas não continuando a dar-se bem, acordaram separar-se para todo o sempre; o com efeito por escriptura publica, nas notas do tabellião Fontes, em 6 de maio de 1855, — acordaram haver-se por divorciados e dissolvi- do seu casamento independente de recorrerem ao juizo ecclesiastico, visto que, como protestantes que eram, e segundo os principios de sua religião estava de tal forma celebrado o casamento, que ficava dissolvido pela presente escriptura, que se obrigavam a registrar no consulado suíço, de cuja nação eram subditos.

Desta data á do casamento vão cerca de quasi dous annos: e já se vê que motivos ponderosos de familia, e não uma paixão romanesca levaram Margarida Kerth a separar-se de Schopp, que recebêra clandestinamente no Brazil, e que foi a educação e reteiradas práticas do catholicismo quem a levou ao gremio da igreja universal.

Maltratada, divorciada e abandonada por Schopp, qual achais vós mais louvável, que essa misera tomasse por esposo a um moço catholic, honesto e trabalhador, ou que ahi ficasse exposta ao abandono e as seduções?

Os homens imparciaes que nos respondam.

R. de A.

### RECOMMENDAÇÕES EPISCOPAES.

Em data de 12 de janeiro o veneravel sr. Bispo de S. Paulo comunicou uma pastoral ao clero da sua diocese, permitindo o uso da carne em dias de abstinencia, salvo os mesmos não dispensados n'esta diocese.

O veneravel prelado recommenda a cessassão de outros abusos, introduzidos na diocese, como o das folias do Espírito Sancto, o excesso da percepção de alguns emolumentos etc.

Posto que nos seja pungente passarmos a transcrever uma passagem da pastoral, que ainda mal é um quadro de dolorosa realidade; e em que se pinta o estado de indiferença e omissão no cumprimento dos deveres sacerdotaes.

« Nos vemos com grande pesar o abandono, a indiferença, e o desprezo dos preceitos da Igreja; mais pungente se torna nossa dor por conhecermos donde parte a origem d' este mal. Ah! Nós o dizemos só por que é Nosso dever. Somos Nós os sacerdotes, são em geral os reverendos parochos, os confessores, que não instruem a seus freguezes; que não indagam seus penitentes. Nós nos temos tornado um sal insulso, uma luz debaixo do alqueire; temos perdido, ou nunca tivemos, o zelo sacerdotal pela salvacão de nossos irmãos: por que igualmente não zelamos de nossa salvacão.

« Por direito Divino devemos instruir, é excusado repetir textos de ambos os Testamentos; mas convém apontar o de EZECHIEL que faz cahir sobre nós o peccado do que obra o mal não sendo por nós advertido: Ezch. 33 v. 8. — SI ME DICENTE AD IMPIUM, IMPIE MORIERIS: NON FUE- RIS LOCUTUS, UT SE CUSTODIAT IMPIUS A VIA SUA: IPSE IMPIUS IN INIQUATE SUA MORIETUR, SANGUINEM AUTEM EJUS DE MANU TUA REQUIRAM-S. Paulo na 2.<sup>a</sup> Epistola a Thimotheo-PRÆDICA VERBUM, INSTA OPPORTUNÉ IMPORTUNE; ARGUE, OBSECRA, IN OMNI PATIENTIA ET DOCTRINA. Mas quão poucos cumprem a sua missão!

« O sacerdote e o povo jazem nas trevas e sombras da morte: SICUT POPULUS, SIC SACERDOS.. Tiramos a lá, o leite das ovelhas, e apoja-se a ultima gota. Como cabe-nos o que dos sacerdotes diz S. Paulo-OMNES QUÆ SUA SUNT QUÆRUNT, NON QUÆ JESU CHRISTI!?

« O que (ainda mesmo que foramos santos) poderia-

mos fazer sem o adjutorio de nossos, Irmãos, maxime dos Reverendos Parochos? E o que será do povo não tendo o guia? Com quanta razão S. Gregorio o Grande nos chama os olhos do povo? E se os olhos forem sem vista, o povo e o sacerdote cahem irremediavelmente no abysmo. Mas direis, meus respeitaveis Irmãos em Jesus Christo, como se hão de instruir se fogem da instruccion, mesmo esperando que ella acabe para só ouvirem a Missa Conventual?

« Eu vejo que em parte tendes razão; mas não é tambem verdade que a Caridade, o verdadeiro zelo tem astúcias para vir a seu fim? Não tendes o confissionario, onde os grandes pescadores de almas fazem abundante pesca? Confessai menos pessoas, não se vos tomará conta do numero; mas do modo porque confessais.

« Abi é vosso dever instruir sobre a rigorosa obrigacão de cumprir os preceitos da Igreja; sobre o que é jejum, o que é abstinencia, abri lhes ensinareis a distincção d' estes dous preceitos.

« Direis mais — porém se o povo tambem não se confessa? E' verdade mas quasi que só nós somos os culpados d'essa indiferença geral. Quanto a nós, que não temos o dom de palavra, assim mesmo na visita vimos o grande fructo de nossas pregações. Fallamos muito sobre a confissão annual e sempre com proveito, exceptuando tres ou quatro povoações em que raro nos quiz ouvir.

« As ovelhas estavam famintas do pasto da palavra de Deos; peccadores que de dez a trinta annos se não confessavam, procuraram lavar-se no sangue do Cordeiro imnaculado. Se este fructo obtivemos de passagem, como não será elle, residindo-se no lugar?! Observando o caracter de cada freguez, indo, pedindo, exhortando, instando, emfim, se convier, ameaçando?

« Deos abençoará este zelo, e, quando um ou outro esteja callejado em sua consciencia, diante de Deos estais justificados, vossas mãos limpas do sangue de vossas ovelhas; e continuando sempre na cadeira da verdade, a semelhante em seu tempo brotará e dará fructo. Meus Irmãos Reverendos Parochos, perdoai-nos esta franqueza; temos sobreja razão para gemer, primeiramente sobre nós mesmo, e depois sobre o desleixo em que vivemos. Deos nos espera, Jesus Christo nos serve de guia, e é nossa força. Ovvi nosso brado; brado em que vos pedimos pelas entradas d'aquele, que morreu por nós, que sejais fervorosos na instruccion das ovelhas que vos foram confiadas; aproveitai o confissionario, onde o zelo sempre tira motivos de consolacão. Embora sofrais mil contradicções no santo ministerio, levantai os olhos ao Céo, o premio se- rá à proporção de vosso disvelo. S. Paulo aos Romanos c. 8. v. 18 diz-*NON SUNT CONDigne PASSIONES HUJUS TEMPORIS AD FUTURAM GLORIAM QUÆ REVELABITUR IN NOBIS.*»

### EXPEDIENTE.

O producto da assignatura d'esta folha é exclusivamente consagrado á sua sustentação e desenvolvimento; e, se fôr possivel, á impressão e vulgarização de obras de religião e moral.

Assigna-se no escriptorio da empreza, rua do Rosario 138, das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, a 10\$000 por anno, e 5\$000 por semestre; e para seguir pelo correio 12\$000 por anno e 6\$000 por semestre.